











n.º 17  
262

Cruz.

- 1.11.

JOAQUIM DE ARAUJO

# A ESTATUA DO POETA

ODE NACIONAL.



PORTO

TYP. DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

Cancellaria Velha, 70

1894



Do seu amigo Augusto Gomes

Lembranças e

foras

## A ESTATUA DO POETA

## TIRAGEM ESPECIAL

---

Deste opusculo extrahiram-se três exemplares em papel Japão, três em papel China, e quatro em papel Whatman, numerados seguidamente de 1 a 10.

6

JOAQUIM DE ARAUJO

---

# A ESTATUA DO POETA

ODE NACIONAL



PORTO

TYP. DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

Cancellia Velha, 70

1891

Part 5924.50.320

v

HARVARD COLLEGE LIBRARY  
COUNT OF SANTA EULALIA  
COLLECTION

GIFT OF  
JOHN B. STETSON, Jr.

aug 14, 1921

26-26  
21

AO SENHOR

CONSELHEIRO JOSÉ DIAS FERREIRA

affectuosamente e respeitosaente

*a A.*





I

**N**UM vozear estridulo e vibrante,  
    Irrompe a multidão:  
Palpita como um hymno triumphante,  
    Em cada coração.

Vem pagar uma divida sagrada,  
    E, em francas ovações,  
Junto á Estatua de bronze immaculada,  
    Victória Camões.

Três seculos havia, a morte escura  
Fulminara esse heroe,  
Que até na doce paz da sepultura  
Tão desgraçado foi!

Três seculos havia. Inenarravel,  
Essa agonia atrás:  
No catre do hospital, inexoravel,  
A Morte, o duro algoz.

E, cá fóra, ao bom Sol, o claro amigo,  
Cá fóra do hospital,  
Os villões trabalhando no jazigo  
Do antigo Portugal...

Um circulo dantesco e pavoroso:  
O Genio num covil,  
E no triumpho, erguido e magestoso,  
O asqueroso reptil.

A Traição galanada: o cru Cinismo  
Fingindo de Altivés:  
Hiante, escancarado, o fundo abismo  
Do nome português.

Não ha na infamia quem se não adestre,  
Esmagando tropheus,  
Tal como sobre a tunica do Mestre  
Jogavam os Judcus.

As Tradições ao vento, ao torvelinho,  
A Gloria, — ás bachanaes . . .  
Adejam os milhafres junto ao ninho . . .  
Onde as aguias reaes?

Onde as aguias reaes? Foram seu rumo,  
Fugiram da ralé:  
— Crestava-lhes a aza o escuro fumo  
Do escuro auto-de-fé.

O balsão do Impudor fluctua ao vento,  
Nos tragicos festins . . .  
É morta a fina flôr do Sentimento,  
Miserrimos chatins!

Dormiam nos seus tumulos augustos,  
Ainda alta a cervís  
De denodados campeões robustos,  
Os infantes de Avís —

E todos os titans, de Gloria trémulos  
Outrora, aos vivos soes,  
Galgando mundos, continentes, — émulos  
Dos primevos heroes . . .

E a Nação dèsses inclytos herdeira  
Ia rojar no chão  
A honra intemerata da bandeira,  
O invencivel pendão . . .

E o Poeta-cavalleiro esmorecia,  
Ao fim do seu lidar:  
Com a Patria morria — se morria! —  
Quem tanto a soube amar.

Tres seculos havia . . . Mas vibrante  
Irrompe a Multidão:  
Palpita como um hymno triumphante,  
Em cada coração.

E o Vidente, na Estatua alevantada  
Nem de leve acordou:  
Na magestade erecta e bronzcada,  
Immovel se ficou! . . .



II

A PATRIA! a Patria! dá rebate e chama,  
Chama por todos nós.  
Ha uma corrente electrica que inflamma  
Os netos e os avós!

Irrompe a multidão a afiar a espada  
Do combate leal,  
No pedestal da Estatua immaculada .  
No eterno pedestal,

E vae cobrir de lucto a grande Imagem  
Do heroico luctador,  
Como um protesto contra a villanagem  
Do estrangeiro rancor!

Mas a Estatua que fora innaccessivel  
As grandes ovações,  
Num delirio de pompa indescriptivel,  
A estatua de Camões

Animou-se um momento e pela face  
O pranto lhe rolou,  
Como astro de esperança, que raiasse...  
E á espada a mão levou!



Esta ODE foi expressamente composta e recitada pelo autor  
no sarau da Sociedade Nacional Camoniana, realizado  
no theatro Gil-Vicente do Palacio de Crystal,  
aos 10 de junho de 1891, sob a presidencia  
do ex.<sup>mo</sup> sr. conde de Samodães,  
secretarios os ex.<sup>mos</sup> srs.  
Tito de Noronha e Almeida Outeiro.





PREÇO, 200 REIS







